

SÉRGIO PORTO

As cariocas



Prefácio à primeira edição

O novelista Sérgio Porto

Um dos fatos importantes de nossa literatura nos últimos anos foi o aparecimento e o sucesso do escritor Sérgio Porto, talvez mais conhecido por Stanislaw Ponte Preta (mais do que um pseudônimo, Stan é personagem e autor, é a outra face de Sérgio). Realmente importante, pois o escritor carioca se impôs de logo como um jovem mestre de seu ofício. Renovou a crônica, gênero que havia atingido surpreendente altura literária, mas que corria o perigo de estiolar-se na grandeza de um Rubem Braga, na invenção de um Fernando Sabino, na graça de um Paulo Mendes Campos. Como ir mais adiante quando esses mestres pareciam haver esgotado o território da crônica? Pois Sérgio Porto, sob sua assinatura e sob a de Stanislaw, conseguiu igualar-se aos maiores sem com nenhum deles parecer, nem dever influência a qualquer que fosse.

A criação da figura de Stanislaw é uma grande façanha literária e resultou da necessidade que teve Sérgio Porto de um instrumento para aplicar seu alto moralismo, para atingir mais fundo com sua crítica à sociedade absurda em que vivemos. Projetou-se o moralista num personagem que é ao mesmo tempo a tese e a antítese, um Dom Quixote de nosso tempo e da cidade do Rio de Janeiro, um Dom Quixote com algo de rabelaisiano e muito de Mark Twain na

capacidade de humor, inabitual em nossa literatura, humor que alia à alta qualidade um caráter brasileiro inigualável. Stanislaw cresceu numa família cada vez mais numerosa de uma personalidade e de um pitoresco deliciosos: Tia Zulmira, a sábia anciã; Mirinho, o calhorda completo; o patriota Bonifácio; Rosamundo, o distraído. Cada um deles concorre com sua fisionomia própria para o grande painel da vida carioca que, passo a passo, despretensiosamente, Sérgio Porto vem construindo na criação de Stanislaw e de seu mundo de sátira, de humor, de gozação, de riso alegre e franco, de combate sem quartel a toda sujeira, a toda a indecência, ao vendepatrismo, à reação política, numa das obras literárias mais válidas dos últimos dez anos em nossa pátria. A vasta popularidade da família Ponte Preta e de seu criador, o enorme público nacional que os acompanha nas colunas dos jornais e nos livros de edições repetidas são sinais evidentes de como tem calado fundo no povo a literatura de Sérgio Porto, filha de seu tempo e de seu chão, alimentada pelos acontecimentos diários, solidária com as vitórias e as lutas do povo, arma de combate nos tristes dias políticos de agora, com essa ditadura de meia-sola e seu entreguismo de sola inteira.

Quero me deter, porém, noutro aspecto da criação dos Ponte Pretas: a revelação de um ficcionista a se conter nos limites jornalísticos da crônica. Como sucede com Fernando Sabino. Apenas o mineiro não precisava fazer prova de sua vocação ficcional pois ele veio do romance de sucesso, *O encontro marcado*, para o sucesso da crônica, enquanto Sérgio Porto estreara como cronista e parecia indiferente aos apelos da ficção. Mas que outra coisa são Stanislaw, a Tia Zulmira, Altamirando, Rosamundo, Bonifácio senão criações de fabulosos personagens, e quantas vezes a crônica de Stan ultrapassa as fronteiras do gênero menor para ser deliciosa história, feita de ação e vida? Sempre esperei, numa ansiedade de leitor

cotidiano, o desembarque de Sérgio Porto no ancoradouro da criação novelística para onde fatalmente o arrastavam uma indeclinável vocação e o amadurecimento literário.

Há um ano talvez Sérgio deu-me a ler os originais de uma novela, tendo como tema a vida carioca, escrita quase sob encomenda para ser transformada num filme. Desde logo confirmaram-se, à leitura das primeiras páginas, a certeza antiga que eu nutria a propósito das qualidades de novelista do autor da família Ponte Preta. Acontece, porém, que o cronista que enriquecera a língua literária do Rio de Janeiro (e a brasileira, conseqüentemente) com o uso de uma linguagem viva, solta, livre, sentia-se como que tolhido no novo território da ficção onde, naquela primeira experiência, não obtinha a mesma liberdade de expressão nem sequer a mesma força de criação, mantendo-se tímido e por vezes vacilante. Faltava-lhe exercício, domínio do novo instrumento.

Ora, ao ler nestas vésperas de Natal os originais de *As cariocas*, volume no qual Sérgio Porto reuniu algumas novelas cariocas, centralizando-as em figuras femininas mas construindo ao mesmo tempo um quadro, amplo e profundo, da vida carioca dos nossos dias com os seus personagens mais característicos, ao ler esse conjunto de seis novelas, encontro-me com um ficcionista muito distante do tímido de um ano passado. Com que rapidez se apossou ele de seu novo instrumento e como o maneja firme e seguro! O Rio de Janeiro voltou a produzir um grande novelista a somar-se à família que vem de Machado de Assis a Lima Barreto, de Marques Rebelo a Miécio Táci. O recriador da vida carioca de hoje — dono e senhor de sua língua viva, dos sentimentos, dos dramas, das alegrias, desesperos e tristezas da gente carioca — chama-se Sérgio Porto.

Um quadro dramático e poderoso, marcado com uma poesia máscula, uma solidariedade humana e uma ternura funda, eis o livro

de Sérgio. Guarda ele uma linha de unidade na concepção e na realização, em sua arquitetura simples, onde não há nenhum truque, nenhum artificialismo, nem a busca do *dernier cri*, tão ao gosto de certos jovens que tentam cobrir com a última novidade sua impotência criadora. Um mundo contraditório e múltiplo, um tempo de terríveis desolações mas também de certos heroísmos anônimos, uma cidade de dor e de solidão mas também de alegre viver e de calor humano, eis o livro de Sérgio Porto. Comovi-me muitas vezes ao ler essas páginas onde uma gente frágil e triste, agoniada e cheia de ânsia de viver, atravessa por entre a mais bela das paisagens em busca de uma esperança, de um porto seguro, de uma paz que parece impossível.

Penso que novos limites, cada vez mais amplos, aguardam Sérgio Porto, pois ainda são estreitas para sua vocação as páginas das novelas. Penso que não tardaremos a vê-lo enfrentando os continentes do romance para nos dar o grande romance carioca dos nossos dias, ainda por escrever. E quem poderá fazê-lo melhor do que o filho de dona Dulce, nascido nesse asfalto e nele posto a trabalhar? Creio que só uma coisa falta a Sérgio Porto para realizar essa grande e nobre tarefa: tempo, já que esse escritor excepcional, sendo um bom trabalhador carioca, gasta seu tempo em programas de televisão e outras coisas iguais. Mas não nos enganemos, pois ele carrega consigo a vida do Rio, estuante e lírica, e está destinado a recriá-la.

Jorge Amado (1967)

Apresentação à primeira edição
Sérgio Porto &/ou Stanislaw Ponte Preta
— peritos em mulher

Há escritores que adotam um pseudônimo e por ele são tragados. Viram outra pessoa. Esse o caso, por exemplo, de Marques Rebelo. Quase ninguém sabe quem é Eddy Dias da Cruz, nome que recebeu na clássica pia batismal e que foi totalmente eclipsado por aquele com que ingressou na vida literária.

Sérgio Porto, porém, conseguiu sobreviver como nome e como pseudônimo. Um não derogou o outro. Praticam ambos harmoniosa coexistência pacífica. São duas pessoas numa só e, o que é importante, no plano da atividade intelectual, dotadas do mesmo talento, a mesma graça pícara e esfuziante, imprevista e lépida.

Na qualidade de Stanislaw Ponte Preta, Sérgio Porto trouxe para as letras — especialmente para a crônica e o humorismo — a contribuição nova dos tipos que criou e da linguagem que inventou, à qual deu um boleio personalíssimo, um *touch* de originalidade e até certa magia iluminadora.

Primo Altamirando, Tia Zulmira, Rosamundo, ao lado de outras personalidades que tirou do nada — do nada não, mas da sua fértil imaginação —, existem, têm presença de gente de carne e osso, sangue e nervos, corpo e alma. São mesmo mais gente do que muito

vivente pela aí... Essas personagens de Stanislaw, embora criaturas de ficção, povo que só trafega no papel e em letra de fôrma, adquiriram tal vitalidade, tal relevo que acabaram aumentando o registro civil, como já se disse, tantas vezes, do populoso universo de Balzac, que criou uma humanidade dentro da humanidade.

Quanto à linguagem, rica é a contribuição do cronista no sentido de aproveitar e transfigurar artisticamente o saboroso coloquial brasileiro e, especialmente, carioca. Não somente soube captar a língua falada e transpô-la para o plano literário, mas dar-lhe também novas cores e formas. Muito dito, ou expressão, ou frase, que hoje percorre este Brasil repleto de diferenciações, brotou da bossa inventiva de Sérgio Porto &/ou Stanislaw Ponte Preta. Pensa-se que a novidade é do povo, vai-se ver — é do escritor. Mas o povo as adotou, incorporou-as ao seu estilo de comunicação e, portanto, de vida.

Toda essa riqueza criadora vem agora sabiamente aproveitada nas seis histórias que, sob o título de *As cariocas*, compõem esta coletânea. Nestas novelas ou noveletas perduram e crescem os valores artísticos, estilísticos e humanos que caracterizam a já importante obra literária do famoso cronista do Rio de Janeiro.

Sérgio Porto, homem de múltiplas atividades, full time no jornalismo, na crônica, no humorismo, na televisão, no show, gosta de renovar-se. Qualquer um sabia que, mais hoje mais amanhã, buscaria forma mais complexa de realizar-se literariamente. Chegou a hora e a vez dessa revelação: está aqui neste livro — *As cariocas*.

Sexteto repleto de graça, de calor humano, de vivência popular, de conhecimento profundo de uma cidade e de sua gente, *As cariocas* traça seis inesquecíveis perfis de mulher — de Copacabana ao Grajaú, do Catete a Madureira, do ajuntamento heterogêneo e difuso da Televisão (bairro à parte em qualquer *urbs*) ao território muito definido da Tijuca. Revelam o intrincado comportamento

feminino — malicioso ou solerte, sedutor ou envolvente, arisco ou astucioso, franco ou esquivo (que muitas são as sutis nuances que assumem as artimanhas do belo sexo) — inserido no contexto dos enredos, situações e episódios que retratam o espírito e a paisagem urbana, humana e social do Rio de Janeiro.

Enfim, são seis histórias de certinhas com que Sérgio Porto &/ou Stanislaw Ponte Preta fixam um dado momento da vida carioca e interpretam a psicologia da componente mais bela deste Rio feito de belezas — a mulher, em que ambos são peritos.

Mário da Silva Brito (1967)

A GRÃ-FINA DE COPACABANA

1.

Sarita olhava distraída o trânsito colorido que descia pela avenida Nossa Senhora de Copacabana. Aquele rio de carros que corria em direção ao centro da cidade e ali engrossava depois de receber todos os seus afluentes, os carros que vinham do Leblon, via Posto 6, os que vinham de Ipanema, via Lagoa, os que vinham do Bairro Peixoto e das muitas ruas transversais. Acendeu um cigarro já impaciente e continuou na janela. Estava no oitavo andar de um edifício do Lido, onde o eminente dr. Teódulo de Carvalho tinha o seu consultório e sua clínica; uma clínica muito bem montada para padronizar os narizes de moças ricas que tinham em seus respectivos apêndices nasais o centro de seus complexos, ou para esticar as pelancas de velhotas ociosas para as quais a velhice era um fantasma constante, muito mais constante durante o dia, quando suas rugas eram mais evidentes, do que durante a noite, quando costumam ser mais constantes os fantasmas de um modo geral. Em suma: o dr. Teódulo de Carvalho era um afamado cirurgião plástico que enriquecera e envelhecera explorando a vaidade das grã-finhas do *café society*, tornando-se um desses médicos que consideram o consultório a coisa mais importante da medicina.

Seu consultório era no quarto andar e sua garçonnière no oitavo. Sarita estava no oitavo andar, justamente na garçonnière do dr. Teódulo, porque Sarita era amante dele e muito mais gente do que ela imaginava — como é comum nesses casos — sabia disso. E Sarita estava impaciente porque Téo não chegava. Marcaram às duas e ficariam apenas uma hora, pois ele desceria às três, como de hábito, para a primeira consulta. Já eram duas e quinze — confirmou ela olhando o seu relóginho de platina e brilhantes — e nada de ele chegar.

Foi aí que Sarita viu um carro se destacar no meio dos outros e parar bem em frente ao prédio onde ela se encontrava. “Era um modelo Fiat especial de carroceria moderna, uma gracinha de carro”, ela pensou, porque, além de entender de carros, Sarita era tarada por carros esporte.

Súbito, Sarita estranhou! Mas era ele, o dr. Teódulo, que descia do carro. Retirou os óculos escuros para ver melhor e logo seus olhos se fecharam contra a claridade, mas Sarita forçou a vista, seus olhos foram se abrindo aos poucos para confirmar não somente a presença de Téo junto ao carro como também a de Zizi, na direção. Sarita ficou mais abismada ainda. Zizi — Zilda de Carvalho — era a mulher dele e os dois se falavam e ela sorria. Téo estava na calçada e dizia qualquer coisa à mulher. Ela respondeu, fez um aceno com a mão, o carro movimentou-se e vagou outra vez pelo caudaloso rio que, logo adiante, pegaria seu último afluente, vindo do Leme, e se espremeria dentro dos túneis, fiel ao seu leito — coisa que Sarita jamais fora — para escoar-se como sempre na Esplanada do Castelo.

O dr. Teódulo virou-se e entrou no prédio. Sarita virou-se e entrou no quarto, colocando os óculos escuros sobre um móvel e olhando-se no espelho, onde ajeitou a pintura com a ponta do dedo médio da

mão direita. Parou, olhou-se mais atentamente no espelho. Estava linda!

Sentou-se na beira da cama, fuzilando de raiva, para esperar a chegada do amante.

Barulho de chaves na fechadura, a porta abriu-se e o eminente dr. Teódulo de Carvalho entrou esbaforido:

— Minha querida, desculpe... eu tive um almoço...

— Divertiu-se muito com ela?

— Ela quem? — espantou-se ele, enquanto colocava o paletó no espaldar de uma cadeira e começava a afrouxar o laço da gravata.

— Sua mulher! Você pensa que eu não vi vocês dois chegando juntos lá embaixo?

— Mas, Sarita, a Zizi ia ajudar na preparação do chá da ABBR hoje, no Copa...

— Ora, Téo... Francamente, você me deixa plantada aqui horas e quando chega vem todo sorridente com sua mulher. Às vezes eu penso que você preferia trocar...

— Está calor aqui — disse ele, já nu da cintura para cima. Fechou a guilhotina da janela onde estivera Sarita espiando, e ligou a refrigeração.

— ... talvez você preferisse ser casado comigo e ter a Zizi como amante.

Ele abraçou-a pela cintura e tentou desabotoar seu vestido por trás do ousado decote das costas, enquanto falava carinhosamente:

— Denguinho, deixa de coisa. Ela só me trouxe aqui. Você sabe que meu carro está na oficina. Ela me trouxe no dela.

Sarita esquivou-se, quando ele falou no carro dela.

— Carro novo, não é?

— É... realmente o carro...

Mas Sarita não o deixou terminar:

— E você tinha me prometido um carro, não tinha? Deu pra mim? Não, deu pra ela.

— Mas foi ela que comprou!

— E foi você que pagou — arrematou ela, em cima do argumento dele.

Téo estava sentado na beira da cama, tirando os sapatos. Como todo grã-fino que se preza, cuidava-se. Seu corpo era queimado de sol, ele fazia massagem regularmente, tomava sauna. Nos seus quarenta e poucos anos, era um homem enxuto. Estava decidido a não brigar:

— Você está com ciúmes dela ou do carro? — Levantou-se e abraçou-a outra vez. Segurou-lhe o queixo e virou-lhe o rosto em direção a seu olhar. — Hem?

— Dos dois — respondeu Sarita, mais calma.

— Dela não precisa ter ciúmes, Denguinho. Ela é que devia ter ciúmes de você...

Sarita envolveu o pescoço dele num abraço:

— Mas ela ganhou um carro, né? — sua voz agora era infantil.

Téo puxou-a para junto da cama, onde sentou-se com ela no colo:

— Denguinho, aquele carro custa muito caro. Não é pelo dinheiro, você sabe. Mas eu não poderia dar um carro daqueles para você. Como é que você explicaria a Eduardo?

Enquanto os dois se beijavam longamente, explicamos que Eduardo era o marido de Sarita, também grã-fino, também frequentador das mesmas rodas que Téo frequentava, mas que não era tão rico como Téo. Apenas um dos muitos frequentadores dessas rodas, vivendo de comissões, hoje ganhando muito dinheiro aqui para poder cobrir as dívidas ali, num trapézio constante para aguentar um padrão de vida que não era o seu.